



Psicologia, Educação e Extensão num Compromisso Social pelo Autonomio

Margarete Zacarias Tostes de Almeida*

Introdução

Diante da complexidade que permeia o universo humano, emerge a necessidade da busca por caminhos que conduzam a constantes reflexões – ações – reflexões, processo este que garante o avanço no cotidiano de quebra de paradigmas, possibilitando-nos novos olhares sobre o homem em evolução.

Neste contexto, é relevante ressaltar que a preocupação temática norteadora da proposta deste artigo originou-se da solicitação dos estudantes do Curso de Pedagogia, da Universidade Iguazu – Campus V – Itaperuna, RJ, e do Curso Normal Superior, do Instituto Superior de Educação de Itaperuna/ FAETEC – Itaperuna, RJ, em promover grupos de estudos com temas pertinentes à educação dos filhos que os ajudassem a melhorar sua performance como educadores e como pais.

Embora seja um projeto em fase embrionária, já apresenta como fato a necessidade de desenvolvimento para que possamos ir ao encontro dos anseios de pessoas que buscam novos caminhos para um crescimento pessoal e coletivo.

Nesse direcionamento, “o compromisso será o lugar da política social do conhecimento” (Demo, 1999, p. 153). Assim, mais do que uma simples prática social, o compromisso é fazer com que o conhecimento produzido e tornado acessível, considerado o elemento específico da universidade, tenha um caráter social. Na seqüência do imperativo exposto, o autor afirma, categoricamente:

A universidade precisa, por constituição e vocação histórica, de estar inserida na problemática social, porque faz parte da usina do futuro de qual-

Resumo

Tecendo caminhos para a construção da autonomia, o objetivo do artigo é refletir sobre a possibilidade de construir novos olhares sobre práticas educativas no seio familiar, a partir de grupos de estudos com professores da área de psicologia – educação e alunos da Universidade Iguazu - campus V - Itaperuna/RJ, bem como do Instituto Superior de Educação de Itaperuna/RJ, na perspectiva de ações extensionistas. A metodologia participante e compartilhada permeada por uma abordagem construtivista viabiliza novas reflexões que privilegiam o processo dialógico/dialético como norteador do desenvolvimento de habilidades emancipadoras.
Palavras-chave: autonomia - psicologia e educação - práticas educativas em família

* Mestre em Psicologia e Pedagogia. Professora de Psicologia da Universidade Iguazu - Campus V - Itaperuna - RJ. Professora de Psicologia da Educação e Metodologia da Pesquisa Científica do Instituto Superior de Educação de Itaperuna - ISEI/FAETEC. Coordenadora de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado do Instituto Superior de Educação de Itaperuna - ISEI/FAETEC. E-mail: margarete@zartex.com.br

quer sociedade. A falta de compromisso social seria um escárnio. Mas precisa saber colocar o compromisso social dentro de mandatos essenciais, que são reconstruir conhecimentos e educar novas gerações. (*ibid.* p. 155)

Objetiva

Partindo desse pressuposto, o objetivo deste artigo é refletir quanto à possibilidade de práticas de educação desenvolvidas através de propostas de construção compartilhada de conhecimentos de psicologia aplicada à educação, num espaço de extensão universitária, tecendo caminhos para a construção da autonomia.

A educação está fortemente imbricada na realidade social e cultural. Outrossim, é necessária “a busca permanente da indissociabilidade ensino/pesquisa/extensão, tendo a última como uma das finalidades da formação universitária (...)” (Nogueira, 2000, p. 101).

Neste intento, é fundamental um consenso acerca das necessidades sociais, não perdendo de vista a função essencial da universidade de fomentar a construção de saberes a partir do compromisso com a transformação da sociedade.

Principais Abordagens e Relevâncias na Extensão

Os estudos sobre a atividade humana ocupam lugar de destaque na Psicologia Atual e em distintos ramos da ciência que tratam do social e do humano. Pensar a partir do universo humano é abrir espaço para ressignificações das atividades humanas e seus reflexos no contexto social:

A Psicologia Humana se ocupa da atividade de indivíduos concretos que transcorre nas condições de uma coletividade aberta: entre as pessoas que formam, conjuntamente com elas e em interação com elas, ou diretamente com o mundo dos objetos ao redor; ante a forja do ferreiro ou por trás de uma escrivãzinha. Sem dúvida, em quaisquer condições e formas em que transcorra a atividade do homem, qualquer estrutura que adote, não se deveria considerá-la como abstraída das relações sociais, da vida da sociedade com todas as suas peculiaridades e particularidade. A atividade do indivíduo humano aparece como um sistema incluído no sistema de relações da sociedade. A atividade

humana não existe em absoluto fora destas relações. (Leontiev, *apud.* Góis, 2005, p. 86)

Nesse direcionamento, o trabalho extensionista com a comunidade assume um compromisso educativo e uma prática social. Nessa concepção, a universidade tem a função de potencializar a ação e a reflexão, em vista de um compromisso social.

Oportuno e, sobretudo, importante assinalar que o termo *compromisso social* aludido anteriormente traz consigo um significado especial, por englobar uma dinâmica de proximidade, visto que se baseia num esforço de compreensão e se manifesta por meio de um comprometimento coletivo.

É possível pensar uma sociedade em que a ética, o amor, a solidariedade, o respeito mútuo, enfim, valores essenciais às relações sociais, se firmassem como imperativos sociais. Entretanto, é possível pensar também que os valores anteriormente elencados, entre tantos outros, pertencem à teia originária familiar. Para entendermos melhor, retiramos de Freud em seu texto de 1924, *A dissolução do complexo de Édipo*, referências a esta afirmativa:

A natureza e a qualidade das relações de uma criança com as pessoas do seu sexo e do sexo oposto já foram fixadas nos seus primeiros seis anos de vida. Pode mais tarde desenvolvê-las e orientá-las em certas direções, mas não poderá mais desembaraçar-se delas (s.d., p. 243, v. 8).

À luz do pensamento freudiano, pode-se, então, dizer que o essencial do processo educativo transcorre na relação da criança com seus pais. Freud foi o primeiro a fornecer um quadro claro da importância que tem para a nossa vida a constituição do sujeito psíquico, que se dá fundamentalmente na relação com as outras pessoas. As pessoas a quem a criança se apega nos primeiros anos de vida têm papel fundamental na constituição psíquica. Essas primeiras relações influirão no seu desenvolvimento e explicam as diferenças entre as pessoas.

Antes mesmo de entrar na escola, por exemplo, a criança aprende a comer como ser humano inserido num grupo, pois o comer não representa apenas nutrição. A transmissão cultural permitirá a sobrevivência individual e coletiva do grupo humano, e essa transmissão se dará pela educação (Freud, 1930).

Partindo desse pressuposto, torna-se premente um trabalho educativo de construção de saberes compartilhados em prol de novas relações entre pais e filhos, conseqüentemente em prol de uma sociedade melhor. Assim sendo, justifica-se percorrer caminhos inusitados da psicologia a partir dos quais sejamos capazes de desvelar perspectivas e novos olhares sobre as práticas educativas num contexto familiar.

Princípios Teórico-Methodológicos

Recomendada por Thiollent (2004), a metodologia participativa introduz dinamismo à extensão universitária.

(...) não é dogma, trata-se apenas de uma atitude favorável à construção e à difusão de conhecimentos no trabalho universitário, como modo de perceber a aprendizagem e a participação da universidade nos problemas do meio circundante. Em geral a adoção da metodologia participativa não resulta de uma política institucional, mas da vontade de alguns professores, pesquisadores e alunos, com forte comprometimento para que seus projetos aconteçam. (Thiollent, 2004, p. 185-186)

No dizer sempre expressivo de Thiollent, a metodologia participativa é tida como a ponte que liga o conhecimento teórico-interdisciplinar ao conhecimento da comunidade local.

Quando possibilitamos a construção participante e compartilhada de conhecimento, possibilitamos também o nascimento da relação entre o senso-comum e o conhecimento científico, em que diferentes saberes se articulam a partir de interesses comuns.

Esse tipo de prática envolve aspectos de natureza pedagógica e metodológica, dentre outros. Segundo o autor "tais metodologias possuem características favoráveis à dimensão solidária dos projetos" (Thiollent, 2004, p. 172).

Tomando como ponto de partida a proposta metodológica apresentada pelo autor supracitado, ressaltamos que é inevitável que seja permeada pelas abordagens construtivistas de Jean Piaget e do inesquecível Paulo Freire, uma vez que partimos do princípio de que o conhecimento será construído coletivamente através da reflexão crítica de todos os envolvidos no processo de aprendizagem, a partir de suas culturas, crenças e valores, com a participação do mediador como fa-

cilitador desse processo dialógico/dialético rumo à autonomia.

Piaget concebe, assim, uma dialética do sujeito e do objeto, teoriza uma Psicologia que entende o sujeito como criador de si mesmo e do mundo ao redor dele, em um processo que tem a duração da vida humana, sempre constituído de interações sujeito-objeto e visto sob o ângulo do próprio processo. (Sá, 2001, p. 91)

Como processo construtivo, a realização desse tipo de proposta parte do pressuposto de que, através de troca de experiências e saberes entre profissionais da psicologia, pedagogia e os sujeitos aprendentes, este último torna-se sujeito de seu próprio conhecimento, capaz de desempenhar sua função educativa no seio familiar de forma participante e compartilhada.

Psicologia e Educação: Tecendo Cominhos poro o Construção do Autonomia

As reflexões aqui suscitadas vêm ao encontro do grito sufocado de muitos estudantes dos cursos de Pedagogia e Normal Superior das instituições já mencionadas no início deste artigo em relação à responsabilidade do exercício da maternidade e da paternidade. Por iguais razões, o grito emerge da dualidade *responsabilidade* e *culpa*. *Responsabilidade* de educar e *culpa* por não saber o caminho.

Vale lembrar que tais sentimentos ficam mais fortes à medida que os estudantes avançam em seus estudos, pois a seriedade da função do educador é desvelada pelo conhecimento. Isso faz com que imediatamente façam a transposição para a vida familiar. O interessante é que, neste contexto, até mesmo os que ainda não são pais, chegam a dizer: "professora, a coisa é tão séria que todo mundo deveria fazer curso para ser pai e mãe".

Com o intento de refletir quanto à possibilidade de práticas educativas num espaço extensionista, apresentamos como vértice a autonomia, pois a tarefa de formar cidadãos autônomos nos remete a pensar uma série de questões teórico-práticas.

Quando se assume a perspectiva de estar contribuindo para o *surgimento de um novo ser*, se está implicado com o desenho e a construção

de um projeto para o ser humano e com a configuração da qualidade para o mundo social. (Maciel, 2001, p. 16)

Para navegar na complexidade do universo humano em busca da autonomia é mister que se façam ressaltar questões como: que mundo estamos produzindo? Que realidade social desejamos? Que tipos de homens ou sociedade queremos construir? Qual a parcela de responsabilidade da educação familiar e institucional na realidade social atual?

Buscando refletir, tecer e articular conhecimentos a partir de tais questões, caminhamos em direção à dimensão, à inibição e à construção da autonomia, tendo como aporte teórico Maciel.

Para Castoriadis, “a autonomia está no âmbito dos objetivos e caminhos do projeto revolucionário” (*apud.* Maciel, 2001, p. 17). Nessa esteira, a autonomia se inscreve numa perspectiva social resultante de uma construção coletiva em que a autonomia individual e coletiva constituem planos complementares.

Nessa perspectiva, o termo autonomia não corresponde a uma concepção de liberdade inalienável de um sujeito abstrato. Ao contrário, coloca-se inserido em uma relação social concreta. (*idem.* p.18)

É preciso insistir no fato de que trabalhar coletivamente em prol de pessoas autônomas não significa ratificar o individualismo predominante em nossa sociedade; muito pelo contrário, implica trabalhar para a construção de uma sociedade autônoma, capaz de realizar atividades auto-instituídas explícitas e lúcidas de ressignificação dos rumos sociais.

Pensar Homem, sociedade, família, escola não quer dizer pensar no completo, no harmonioso, no perfeito, enfim, na inteireza, mas sim pensar na continuidade, na mudança – processo. Entretanto, cabe aqui um pensar inicial: a construção da autonomia a partir de práticas educativas na relação parental.

Na sociedade contemporânea, a autoridade dos pais está enfraquecida. Ela é a manifestação do enfraquecimento da lei como hierarquia. Como consequência, os processos de identificações verticais ficam prejudicados. “Pais receosos de uma educação repressiva não contribuem na

construção de modelos identificatórios” (Rubinshtein, 2003, p. 94).

Dessa forma, os pais, representantes da lei, estão enfraquecidos, o que interfere no referencial para a formação do Ideal-do-eu.¹

A autora citada complementa dizendo que:

A indefinição de modelos no seio da família faz com que algumas crianças busquem modelos externos a ela. Quando se pergunta para a criança o que quer ser quando crescer, uma boa parte delas responde: jogador de futebol, cantor, modelo. Essa indefinição dificulta a construção da *autonomia*, entendida no sentido do termo político, utilizado para expressar autogoverno, oposto a *heteronomia*, que significa ser governado por outro. (*idem.* p,95)

Não seria essa identificação dos pais fruto também da busca de modelos identificatórios externos, pela perda, desvalorização da tradição ou ausência de norteadores?

Nesse sentido, a construção da autonomia aparece numa condição indissociável dos planos individual e social, na medida em que sua construção estabelece uma identificação com o outro. Entretanto, nessa relação do sujeito e do outro, para a elaboração da autonomia num contexto familiar, é mister “cada sujeito ter clareza de como construir o lugar de agente de desenvolvimento da sua própria autonomia” (Maciel, 2005, p. 19).

As idéias da autora citada são corroboradas pelas afirmativas de Paulo Freire, quando se refere à busca constante por entendimento do verdadeiro papel que exercemos quando assumimos o compromisso com o crescimento pessoal e social, quando diz que “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém” (Freire, 1996, p. 107).

Neste contexto, a pergunta que não se cala nos estudantes é: como educar melhor seus filhos?

Freire complementa dizendo que:

A participação dos pais se deve sobretudo na análise, com os filhos, das consequências possíveis da decisão tomada. A posição da mãe ou do pai é de quem, sem nenhum prejuízo ou rebaixamento de autoridade, humildemente aceita o papel de enorme importância de assessor ou assessora do filho ou filha. Assessor que embora batendo-se pelo acerto de sua visão das coisas, jamais tenta impor sua vontade ou se abespinha porque seu ponto de vista

não foi aceito. [...] A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas. (Freire, 1996, p. 106-107)

Através de Freire fica explícita a importância familiar na construção da autonomia. Sob um olhar psicológico, cumpre assinalar que há clareza de que a relação parental apresenta-se como ponto fulcral para se estabelecer os preceitos que nortearão os caminhos a percorrer na construção da autonomia.

Neste sentido, a proposta de educação para a autonomia parte das idéias de Maciel (2001) que postula que o sujeito social se aproxima de um fazer autônomo, na medida em que ele estabelece relação reflexiva e procura descobrir o nexos existente entre seu presente e sua história, graças a qual se constitui como sujeito.

A autora apresenta como fundamental ao exercício da autonomia o desenvolvimento de habilidades; que, *a priori*, é importante trabalhar com os alunos extensionistas para que eles sejam multiplicadores em suas ações de educadores, como percepção dos motivos que guiam os atos; explicitação do desejo e consciência das intenções e de suas certezas provisórias, identificando seus fantasmas e não se deixando dominar por eles, permitindo dialogar com o mundo interno, contatar a realidade dos afetos resultantes da interação com o mundo externo e, ao mesmo tempo, filtrar o que, do mundo dos desejos, pode passar a ato; instaurar uma nova relação com o discurso do outro, ultrapassar o enclausuramento informacional, cognitivo e institucional com base na reflexividade; ver o outro com totalidade aberta. Enfim,

A autonomia firma-se quando o sujeito tem a liberdade de fazer perguntas sobre si, sobre o *outro*, sobre as significações envolvidas na informação ou no conhecimento [...]. Nesta perspectiva a autonomia torna-se, ao mesmo tempo, o fim e o meio. (Maciel, 2001, p.21)

Conclusões

A proposta teórico-metodológica que norteia a prática educativa que descrevemos pressupõe a necessidade de troca de saberes, num espaço dinâmico, compartilhado, que venha a possibilitar a construção de conhecimentos aplicáveis, com o objetivo maior de promover uma educação alicerçada no amor e no comprometimento com o princípio dialógico.

Considera-se, ainda, que as ações extensionistas de caráter participante possibilitarão permanentes discussões a partir das necessidades emergentes, contribuindo para um processo sistemático de avaliação, acompanhamento e orientações.

Natas

1. Ideal-do-eu e identificação

Laplanche em "Vocabulário de Psicanálise" se refere ao ideal-do-eu como sendo uma instância diferenciada que figura na tópica freudiana – a formulação sobre o aparelho psíquico realizada com base nas instâncias do ego, superego e id, que se seguiu àquela em que os sistemas fundamentais eram o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. Tal instância seria o resultado, entre outras, das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos. É, em última análise, um modelo a que o indivíduo procura se conformar. Trata-se de uma formação intra-psíquica, apresentada por vezes como sinônimo de superego, se encarada como uma instância que reúne ao mesmo tempo as funções de interdição (própria do superego) e de ideal (própria do ideal-do-eu).

Em síntese: quem, na procura inconsciente, é o modelo ideal para o sujeito no processo de identificação.

Referências Bibliográficas

- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. IN: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, s/data. V. 13, p. 243.
- GÓIS, Cezar Wagner de L. *Psicologia Comunitária - atividade e consciência*. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire e Estudos Psicossociais, 2005.
- MACIEL, Ira Maria. A questão da formação: tecendo caminhos para a construção da autonomia. IN: MACIEL, Ira Maria (org). *Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001.
- NOGUEIRA, Maria das Dores P.(org). *Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; o Fórum, 2000.
- RUBINSTEIN, Edith Regina. *O estilo aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- SÁ, Márcia Souto M. Mourão. Piaget e a construção do homem: conhecimento, afeto e moral. IN: MACIEL, Ira Maria (org). *Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001.
- THIOLLENT, Michel. Perspectivas de metodologia de pesquisa participativa e de pesquisa-ação na elaboração de projetos sociais e solidários. IN: LIANZA, Sidney e ADDOR, Felipe (orgs). *Tecnologia e desenvolvimento social e solidário*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Abstract

Based on the construction of autonomy, this study aims at reflecting on the possibility to construct new views on educational practice in the familiar belief, from students groups and psychology teachers - education and students from University Iguaçú-Campus V - Itaperuna/RJ, as well as Instituto Superior de Educação de Itaperuna/RJ, in the perspective of participants' actions. The practice and shared methodology based on constructivist approach makes possible new reflections on the dialogue/dialect process focused on the development of emancipated abilities.

Keywords: autonomy - psychology and education - educated practice family